



**USP ESALQ – ACESSORIA DE COMUNICAÇÃO**

Veículo: O Estado de S. Paulo

Data: 24/01/2014

Caderno: Especial

Assunto: USP 80 anos

# USP 80 anos

Especial

A USP nasceu de um sonho – fundar a 1ª universidade de SP – e da necessidade de promover uma reforma no ensino superior, diagnóstico feito pelo jornalista Julio de Mesquita Filho, então diretor do **Estado**



**Circuito universitário.** Ilustração feita especialmente para o **Estado** pela artista plástica **Carla Caffé**, formada pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) nos anos 90

A USP nasceu de um sonho e de uma necessidade. O sonho: fundar a primeira universidade de São Paulo. A necessidade: promover uma reforma profunda no ensino superior, diagnóstico feito já em 1925 pelo jornalista Julio de Mesquita Filho, então diretor de **O Estado de S. Paulo**.

Quase dez anos após, em 25 de janeiro de 1934, a Universidade de São Paulo tornava-se realidade, com a cria-

ção da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e a junção a outras já existentes. Jovens professores foram trazidos da Europa, especialmente da França. Claude Lévi-Strauss, Fernand Braudel e Roger Bastide, entre outros, deram o tom do que seria a USP: uma universidade de vanguarda. Seu lema, *Scientia Vincet* (pela ciência vencerás), estampado no brasão, norteou o caminho percorrido até aqui. O legado científico espalha-se por diver-

sas áreas, do primeiro computador desenvolvido no País ao projeto Genoma.

Hoje, 80 anos depois, a USP é a melhor universidade da América Latina, além de figurar entre as 200 principais do mundo. Enfrenta desafios, como a necessidade de voltar-se para o mundo e a urgência em manter relevantes as pesquisas desenvolvidas. Desafios que exigem a frequente renovação dos ideais de sua fundação.



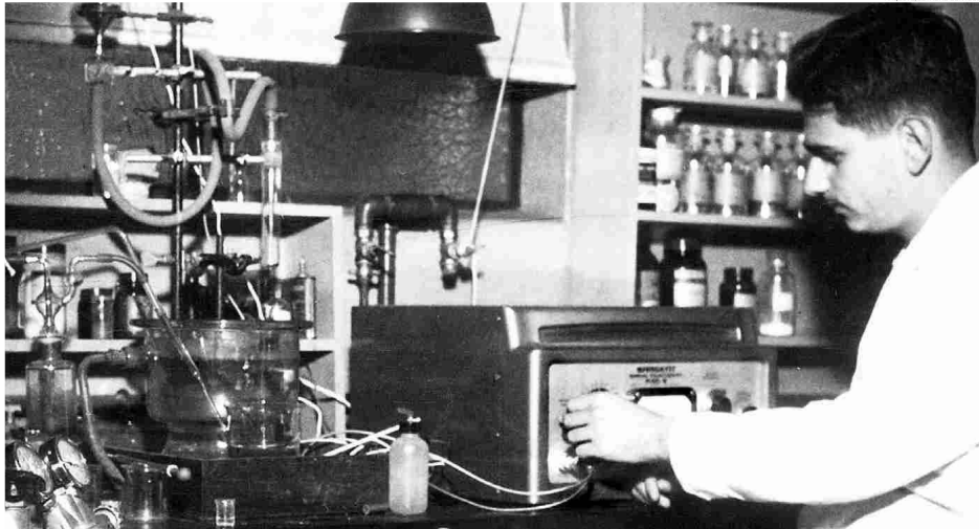
# USP 80 anos

Especial



“Foi graças ao espírito pioneiro que a USP conseguiu ser um local onde se preserva o saber e é fonte de inovação. Para que se mantenha, precisa continuar aberta”

**Fernando Henrique Cardoso**, SOCIOLOGO, EX-PRESIDENTE, GRADUADO NA USP EM 1952; COMEÇOU A LECIONAR LÁ NA MESMA DÉCADA



**Laboratório da universidade em 1959.** Presença de estrangeiros é um marco e faz parte do propósito de pensar a instituição 50 anos à frente

**“A universidade precisa permitir que a minoria criativa aflore e impedir que a mediocridade a sufoque”**

**William Saad Hossne**  
MÉDICO BIOCITICISTA

## O progresso da ciência nunca saiu do radar

Contribuições vão dos primeiros transplantes realizados no País ao projeto Genoma

**Giovana Girardi**  
**Mônica Manir**

**E**stá lá, no decreto de fundação de 25 de janeiro de 1924, como fins primeiros da universidade: “a) promover, pela pesquisa, o progresso da ciência”. A Universidade de São Paulo, em 80 anos, não fugiu à sua letra “a”. O empenho em investir na ciência passou as décadas e a manteve sempre no topo da pesquisa de vanguarda na América Latina. Shozo Motoyama, historiador das ciências e estudioso (para não dizer biógrafo) da USP, lembra que essa posição de ponta tem um bastidor “B”: o fato de o Estado estar na liderança econômica do País, e a elite paulista, fundadora da universidade, ter um perfil diferente da elite dos demais Estados. “Havia uma visão muito pragmática de que, para continuar na liderança, era preciso ter a melhor qualificação possível”, diz. “Entendia-se que era importante investir em pesquisa mesmo sem retorno imediato; desejava-se

aumentar o conhecimento e formar lideranças intelectuais.” A medicina encabeçou as pesquisas desde o início. De 1926, quando ainda era uma faculdade de estancão, a 21 de dezembro de 1948, época do primeiro relatório da Comissão de Pesquisa Científica, ela produziu 2.513 trabalhos científicos, com destaque para as cátedras. Os primeiros transplantes de coração, fígado e rim na América Latina foram feitos pela Faculdade de Medicina da USP. Motoyama destaca, por exemplo, os trabalhos desenvolvidos na USP-Ribeirão por Maurício Oscar da Rocha e Silva e depois pelo médico Sérgio Henrique Ferreira com a bradicinina, molécula presente no veneno da jararaca. Após purificada e potencializada pelos pesquisadores, a bradicinina se tornou essencial na fabricação dos medicamentos mais usados até hoje para controlar a pressão arterial. A USP também seria pioneira nos estudos genéticos — em boa parte graças ao empenho de André Dreyfus, primeiro professor catedrático da área. Ele de-

sempehou importante papel na formação de nomes que se destacariam depois, como Crowdwaldo Pavan e Antônio Brito da Cunha. Dreyfus teve a perspicácia de convidar para ir à USP o biólogo evolutivo russo-americano Theodosius Dobzhansky. Um dos responsáveis pela Moderna Síntese Evolucionista, que unificou a genética com o darwinismo, ele ministrou na universidade o primeiro curso de evolução no Brasil. Décadas depois, a USP encabeçou os esforços de decifrar o genoma da bactéria *Xylella fastidiosa*, responsável pela praga do amarelinho, que ataca laranjais. O trabalho, que reuniu 192 pesquisadores — 80 da USP —, rendeu a capa da revista *Nature* em fevereiro de 2000 e abriu espaço para a genômica no Brasil.

**Estrangeiros.** A presença de estrangeiros em seus laboratórios seria um marco da USP. Como lembra o sociólogo Sérgio Adorno, coordenador do Núcleo de Estudos da Violência, é vocação da universidade atrair professores e pós-graduandos de fora, algo que faz parte do propósito inicial de pensar o País 50 anos à frente. “Hoje talvez seja melhor falar em 10 anos adiante, mas sempre com sensibilidade para os problemas.” Na lista dos que deixaram legado consta também a série de trabalhos desenvolvidos pelo historiador Sérgio Buarque de Holanda, que em 1958 assumiu a História da Civilização Brasileira na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH). “Pode-se afirmar que sua passagem pela USP foi um sintoma de amadurecimento da instituição e de abertura nas relações do meio universitário com a sociedade”, escreveu a também professora de História da USP Maria Odila Leite da Silva Dias. Na Geografia, dois nomes ganharam destaque, o de Milton Santos e de Aziz Ab’Saber. Santos, um dos principais pensado-

res da história da Geografia no Brasil, iniciou a carreira na Bahia, onde enfrentou a ditadura e acabou exilado. Ao voltar ao País, em 1977, foi abrigado pela USP. Ab’Saber virou referência em assuntos relacionados ao meio ambiente. Na arena da Física, impressiona o trabalho da equipe capitaneada pelo ucraniano Gleb Wataghin, que resultou em várias descobertas sobre raios cósmicos. Wataghin acabou por formar um grupo de brilhantes jovens físicos que conquistaram destaque internacional, como César Lattes, Mário Schenberg

e Marcelo Damy de Souza Santos. “Wataghin tinha a filosofia de mandar os alunos para fora depois de ensinartudo o que podia, e isso deu resultado”, lembra Motoyama. “Lattes quase ganhou o Nobel ao comprovar a existência de uma nova partícula atômica, o méson-pi. Deveria ter ganhado.” A pesquisa em Biologia Marinha e em Oceanografia também se desenvolveu no País a partir do trabalho de cientistas da USP desde os anos 1930. Os avanços vão das pesquisas pioneiras do casal Ernest Marcus e Eveline Du Bois Reymond — ale-

mães que descobriram várias espécies de invertibrados marinhos — às duas novíssimas embarcações, Alpha Crucis e Alpha Delphine, que permitiram aos cientistas explorar águas mais distantes. Para o médico bioeticista William Saad Hossne, um dos criadores da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa e ganhador do troféu “Guerreiro da Educação Ruy Mesquita” em 2013, o que fica da USP são os valores que ela herdou do padrão europeu: a vida acadêmica, a seriedade, a honestidade, o mérito e a crítica construtiva, inclusive de si mesma.

\* **Análise: José Álvaro Moisés**

### A contribuição singular das Ciências Sociais

**A**s Ciências Sociais da USP nasceram entre os anos 30 e 40 do século passado sob a extraordinária influência da missão francesa. Roger Bastide, Claude Lévi-Strauss e outros ajudaram a estabelecer os padrões de rigor científico que marcariam a área nas décadas seguintes. Mas a tarefa realmente inovadora foi a da chamada “escola paulista de sociologia” sob a liderança de Florestan Fernandes e de seus assistentes diretos, como Fernando Henrique Cardoso, Otávio Ianni e Maria Sílvia de Carvalho Franco. Ao voltar-se para a compreensão do papel dos mais marginalizados, o grupo rompeu com o ensaísmo sobre a formação da sociedade brasileira marcado pelas dificuldades de emergência da identidade nacional. Os estudos pioneiros de Florestan sobre a escravidão, seguidos pelas análises dos empresários industriais, trabalhadores urbanos e rurais e a emergência do populismo de Leônicio Martins Rodrigues, Francisco Weffort e José de Souza Martins, entre outros, ofereceram um olhar inovador das classes sociais nas suas relações com o Estado, abrindo uma nova forma de a própria sociedade brasileira se compreender. O sentido dessa missão acadêmica foi defi-

nido, como lembrou Fernando Henrique, pelo desejo de “transpor as dificuldades que impediam o surgimento de formas e graus de desenvolvimento econômico, social e cultural que permitissem superar a pobreza e a miséria, e nos dessem um destino de grandeza”. Isso explica que as análises tenham enveredado pela seara da política, com os estudos do populismo, dos movimentos sociais e dos partidos políticos. Em anos recentes, contudo, “a paixão por entender a realidade” fez o diagnóstico dos desafios anteriores ser associado com o insuficiente desenvolvimento democrático da sociedade brasileira. O foco agora é a qualidade da democracia e sua capacidade de articular liberdade com igualdade. A criação da USP foi vista algumas vezes como resposta das elites paulistas à sua derrota em 30 e 32. A perspectiva envolve exageros, mas é impossível avaliar a contribuição das Ciências Sociais da USP sem ter em conta que a experiência formou o contexto em que algumas das principais lideranças ocuparam a presidência da República, cadeiras no parlamento e importantes ministérios. Ou seja, a crença originária nas possibilidades de “aplicar” o conhecimento científico na formulação de políticas públicas se realizou, de algum modo, e ajudou a mudar o País.

\* PROFESSOR TITULAR DE CIÊNCIA POLÍTICA E COORDENADOR DO NÚCLEO DE PESQUISA DE POLÍTICAS PÚBLICAS DA USP. AUTOR DE OS IMPACTOS DA DESCONFIANÇA POLÍTICA NA QUALIDADE DA DEMOCRACIA (2013)

## Sumário

O QUE TRAZ ESTE CADERNO

**2 A ciência**  
Veja as inúmeras contribuições da universidade para as ciências e o que esperar do futuro

**4 Rankings**  
Mais bem colocada do País em listas no mundo, USP precisa investir na internacionalização

**A história**  
A USP nasceu do ideal do jornalista Julio de Mesquita Filho (à esq. foto)



**8 Os reitores**  
Marco Antonio Zago assume amanhã e sinaliza para reforma de currículo

**10 Comunidade**  
Conheça o que pensam professores e alunos que fazem a universidade

**12 Do lado de fora**  
Para não uspianos, universidade mantém a qualidade, mas pode melhorar



**13 Os desafios**  
Instituição ainda avalia como avançar nos cursos a distância

**4 legado cultural**  
Vários museus ligados à USP passam por reformas



“A USP fez parte da minha vida, a tal ponto que hoje moro quase nos seus portões. Mais um pouco e me integro fisicamente à universidade”

Boris Fausto, ADVOGADO E HISTORIADOR, FORMADO PELA USP EM 1953 E PROFESSOR A PARTIR DA DÉCADA SEGUINTE

# Para o futuro, pesquisas de impacto

Manter a dianteira exige aumentar a relevância internacional. As perspectivas são boas: 23% da produção científica do País veio de lá em 2013

Paulo Saldaña

O diagnóstico existe: aumentar o impacto das pesquisas é o maior desafio científico da USP para as próximas décadas. Mas dar o próximo passo e fazer o que é preciso para a universidade figurar na vanguarda mundial da ciência é o mais difícil.

Em termos de condições, a USP tem as melhores do País. No ano passado, 23% da produção científica brasileira veio de lá, índice que se mantém praticamente estável nos últimos anos. A universidade é a instituição que mais forma doutores no mundo e responde por 20% dos doutorados do Brasil. Há dez anos, esse índice era ainda maior, de 25%. Entretanto, a quantidade nem sempre é sinônimo de relevância — e a própria comunidade científica tem se questionado sobre os novos rumos da pesquisa.

Artigos publicados em revistas de renome e quantas vezes esses estudos são citados por outros pesquisadores são alguns índices de medem esse impacto. A obtenção de novas patentes também é quesito analisado.

Para o físico Luiz Nunes, pró-reitor de Pesquisa da universidade entre 2001 e 2005, há condições financeiras na USP, mas os pesquisadores precisam “ousar mais”. “A gente segue muito as linhas já desbravadas. Precisamos de novas frentes criadas por nós”, diz. Nunes cita como exemplo o número de publicações na *Nature* e na *Science*, duas das revistas científicas mais renomadas do mundo.

No ano passado, oito trabalhos da USP foram publicados — de um total de 28 do Brasil. Mesmo comparando com universidades estrangeiras que não estão entre as mais importantes, o resultado deixa a desejar: a americana Rutgers teve 26 publicações nas duas revistas e a de Copenhague, 38, por exemplo.

**Internacional.** O pesquisador Carlos Henrique de Brito Cruz, diretor científico da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), também aponta para a necessidade de a USP se colocar “mais perto da fronteira da ciência”.

“É preciso ter mais interação com os melhores do mundo, mais interação internacional”, diz. O que significa, sobretudo, mais professores estrangeiros na USP e mais intercâmbio de alunos e pesquisadores.

Especialista em análise de produção científica, Rogério Meneghini lembra que o País é limitado para criar estímulos, o que pesa no contexto geral. “É a colaboração internacional ainda é fraca no Brasil, em torno de 20% dos trabalhos publicados, contra índices de 50% a 60% em países da Europa”, diz.

O professor Júlio Cesar Batista Ferreira, de 33 anos, sentiu os



A nova ‘cara’ da ciência. Professor Júlio Ferreira desenvolveu pesquisa em parceria com Stanford: ‘Lá perguntam se a ideia serve para algo ou só para fazer artigo’

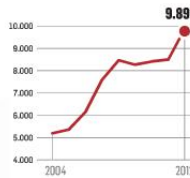
“Precisamos de um ambiente para estimular a inovação. Eu quero sair da bolha em que o cientista vive”

## CIÊNCIA

● A USP é líder em produção científica no Brasil

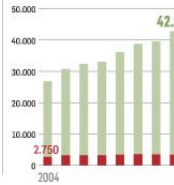
### Trabalhos publicados

(Indexados no Web of Science/ISI)



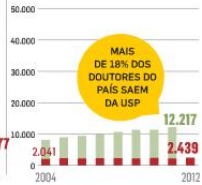
### Títulos de Mestrado

BRASIL USP



### Títulos de Doutorado

BRASIL USP



MAIS DE 18% DOS DOUTORES DO PAÍS SAEM DA USP

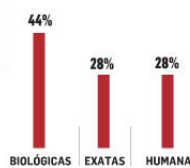


Júlio Cesar Batista Ferreira  
PESQUISADOR DA USP

103.420  
títulos de 1970 a 2012 na USP

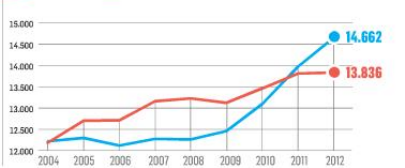
### Contribuição por Área

1970 - 2012



### Matrículas

MESTRADO DOUTORADO



benefícios durante sua permanência na Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, onde fez parte do doutorado e o pós-doutorado. “A ideia de desenvolver a ciência com um propósito é muito forte. Questiona-se sempre se a ideia serve para algo ou é só para fazer um arti-

go”, diz ele, que desde 2012 é professor do Departamento de Anatomia do Instituto de Ciências Biomédicas da USP.

Ferreira pesquisa a deterioração do sistema cardiovascular e desenvolveu uma molécula, em parceria com Stanford, que pode reverter processos celulares

degenerativos. Esse tipo de interação é apontado como um dos caminhos para melhorar a relevância da ciência.

Críticos questionam ainda a baixa participação de empresas na USP. Dados da Fapesp mostram que, na universidade, o dinheiro privado responde por

5,9% do financiamento de pesquisas — menor do que na Unesp e Unicamp, mas próximo da média dos EUA, de 5,8%. Nesse sentido, Luiz Nunes diz que há um ciclo, que deve ser quebrado. “A universidade não consegue fazer o que quer e a empresa nem sabe como se aventurar nesse campo.”

\* Análise: Celso Lafer

## É fundamental manter a prioridade à missão da pesquisa

O Estado de São Paulo sempre atribuiu importância ao conhecimento como variável crítica do seu desenvolvimento. O Instituto Agrônomo de Campinas, fundado em 1887, foi pioneiro no País como qualificado centro de pesquisa.

Até a criação da USP, São Paulo dispunha de boas instituições de ensino superior, como a Politécnica, a Luiz de Queiroz (de Agricultura), as Faculdades de Medicina, Direito, Farmácia e Odontologia. Quando a USP surgiu, em 1934, em grande parte inspirada pela visão de Julio de Mesquita Filho, com o respaldo do governador Armando de Salles Oliveira, o conceito de seus idealizadores era de que o Esta-

do precisava de uma instituição pública para elevar o patamar da geração e transmissão do conhecimento, com um caráter interdisciplinar e integrador. O lema da USP, *Scientia Vincet*, traduz, desde os seus primórdios, a “ideia a realizar” do seu projeto.

Nestes 80 anos, a validade do lema viu-se plenamente confirmada pela importância do pilar da pesquisa nas atividades da instituição, que levou em conta a velocidade com a qual, no mundo contemporâneo, se amplia e se aprofunda o repertório em todas as áreas do conhecimento. Não pode haver ensino de qualidade nem apropriada extensão de serviços à comunidade, as outras duas missões da USP, se essas atividades não forem continuamente renovadas e vivificadas pelo contínuo aprofundamento da pesquisa.

Diversos rankings internacionais comprovam o prestígio da USP. Pode-se discutir critérios e métodos, mas essas classificações oferecem indícios do nível de qualidade das insti-

tuições que listam. Segundo a avaliação de professores, pesquisadores, cientistas e intelectuais de 144 países ouvidos pela revista *Times Higher Education*, a USP figura entre as 70 universidades de mais reputação, acima de Heidelberg, Paris-Sorbonne, Brown e outras.

Esse bom conceito decorre de vários fatores: a USP é a universidade que mais titula doutores no mundo (2.439 em 2012), ocupa o terceiro lugar em verba anual para pesquisa (entre 682 instituições consultadas) e é a quinta em número de artigos científicos publicados (7.599 em 2012) entre 1.181 universidades, de acordo com o Centro de Universidades de Classe Mundial da Universidade Jiao Tong.

De toda a produção científica brasileira, a USP responde por 23% e o Estado de São Paulo por mais de 50%; as duas outras grandes universidades públicas estaduais, Unicamp e Unesp, tiveram a USP como seu ponto de referência quando foram criadas. Tal desempenho do Estado só é viável pelos recursos que

ele destina às três universidades e à Fapesp (que também contribui significativamente para este resultado) e pela garantia de autonomia para sua gestão que lhes assegura.

Manter e aprofundar o papel da USP como a grande instituição de pesquisa do País é o nosso desafio estratégico neste momento em que se comemoram 80 anos de sua existência. É a condição da possibilidade de ampliar, pelo conhecimento, o poder de controle da sociedade brasileira sobre o seu destino num mundo interdependente que opera em rede. Por isso, para a apropriada preservação do ativo que a identidade da USP possui, é fundamental que a sua governança atribua permanente e determinante prioridade à missão da pesquisa, porque dela depende a qualidade tanto do ensino quanto da prestação de serviços à comunidade.

\* PROFESSOR EMÉRITO DO INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA USP. PRESIDENTE DA FAPESP

**USP**  
Especial **80** anos



“A USP, para mim, possui essa marca: um celeiro de valores, que forma cidadãos comprometidos com a construção de um País cada vez mais justo e democrático”  
Antonio Carlos Malheiros, DESEMBARGADOR DO TJ DE SÃO PAULO. GRADUADO NA FACULDADE DE DIREITO, EM 1973

# Olhar para o exterior: receita para aparecer

USP patina em rankings internacionais, mas já faz esforços para melhorar posições

Paulo Saldaña  
Marina Azaredo

A USP é a instituição de ensino superior brasileira mais bem colocada em rankings internacionais, mas sua posição ainda é distante das top mundiais. No último levantamento da Times Higher Education (THE), a universidade perdeu posições em relação ao ano anterior – saiu do 158.º lugar, em 2012, para a faixa entre o 226.º e o 250.º lugares em 2013.

Nenhuma universidade brasileira aparece entre as dez melhores no ranking de países emergentes, também produzido pela THE e divulgado no fim de 2013.

## CLASSIFICAÇÃO

● USP é a melhor brasileira em dois dos principais rankings

Times Higher Education	País	Posição
Cattech	EUA	1ª
Harvard	EUA	2ª
Oxford	ING	3ª
USP	BRA	226-250
Unicamp	BRA	301-350

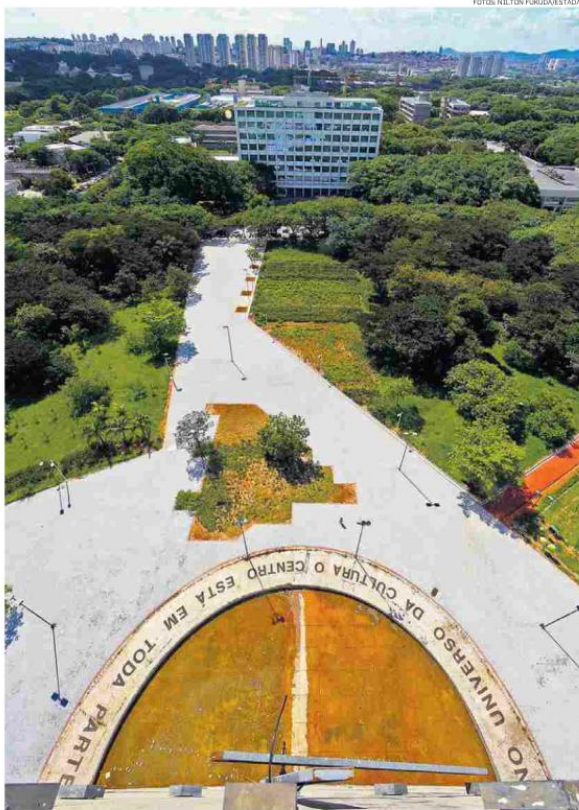
QS	País	Posição
MIT	EUA	1ª
Harvard	EUA	2ª
Cambridge	ING	3ª
USP	BRA	127ª
Unicamp	BRA	215ª

Novamente a mais bem colocada, a USP ficou na 11.ª colocação. Em outro ranking, o Quacquarelli Symonds University (QS) sobre universidades dos Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), ela aparece em 8.º lugar. Na comparação entre países, o Brasil tem a 3.ª posição, com 17 instituições entre as top 100, atrás de China, com 40, e Rússia, com 19.

Com pequenas variações, os rankings comparam as universidades com base em critérios que vão do número de publicações em revistas internacionais à infraestrutura e perfil do corpo docente. As taxas de internacionalização, como a presença de professores e alunos estrangeiros, têm peso considerável nessas listas – e, em geral, a USP não vai bem nesses quesitos.

O editor dos rankings da THE, Phil Baty, diz que o Brasil tem feito um bom trabalho em alguns campos, e a USP tem papel importante nisso, mas é preciso dar um passo rumo à internacionalização. “A internacionalização é um ponto-chave. Todas as universidades de ponta têm contextos globais. Isso significa contratar os melhores professores e atrair os melhores estudantes do mundo. Também é importante encontrar os melhores parceiros para colaboração em pesquisa”, afirma.

Para o diretor científico da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), Carlos Henrique de Bri-



Cidade Universitária. Especialistas apontam internacionalização com ponto-chave

to Cruz, a análise dos rankings tem limitações. “O THE valoriza a presença de alunos estrangeiros. Aqui o ensino superior é público e gratuito, financiado pelos impostos. A sociedade não vai querer pagar para um aluno chinês estudar.”

Além dos critérios que desfavorecem as universidades brasileiras, a USP tem características diferentes das instituições do topo. As “top 10” têm, em média, 17 mil alunos – ante 90 mil na USP. Essas instituições

também são focadas em pesquisa em Harvard, 65% dos alunos são de pós-graduação, contra 35% na universidade paulista.

**Ligões.** Apesar disso, Brito Cruz diz que é possível aprender com os rankings. “Um dos pontos positivos é o esforço para buscar professores estrangeiros.” A universidade tem se esforçado nesse sentido, com a criação de escritórios em Boston, Londres e Cingapura, e um programa de bolsas para atrair estrangeiros –

além de incentivos para mandar alunos para fora.

A comparação internacional é o principal ponto de partida para que a USP seja mais ambiciosa, segundo avaliação do biólogo Fernando Reinach. “Ela tem de começar a querer se igualar a Harvard, Stanford, e ver os indicadores delas. Ai, vai constatar que está muito longe.”

Colunista do Estado, Reinach foi professor da USP (de onde pediu demissão) e coordenou o primeiro projeto Geno-

“Está faltando ambição. A universidade tem de fazer pesquisa com o objetivo de querer ganhar um Nobel. Não é fácil, mas não pode servir de desculpa”

Fernando Reinach  
BIÓLOGO

ma do País. “A USP fica achando que está boa demais para o Brasil. Teve uma ambição lá atrás, com professores estrangeiros, de se tornar a melhor do Brasil, e isso realmente aconteceu. Mas parece que deixou em berço esplêndido”, diz.

O impacto das pesquisas também está longe do ideal. Segundo dados tabulados pelo professor Rogério Meneghini, a universidade teve média de 2,15 citações por artigo em 2012 – Stanford tem resultado três vezes maior.



Decepção. ‘Criaram o câmpus e esqueceram’, diz Guilherme

“A gente da USP Leste se orgulha muito de estudar lá. Como temos aulas juntos, todo mundo é muito unido”

Guilherme de Souza Sampaio  
ALUNO DA USP LESTE

# Maior expansão, unidade Leste ainda preocupa

Câmpus está interditado e questões ambientais não foram resolvidas, o que pode comprometer a volta às aulas

Há dez anos, a maior expectativa na USP girava em torno da inauguração de uma nova unidade na zona leste de São Paulo. Resultado de histórica reivindicação de uma universidade pública na região mais po-

pulosa da cidade, a USP Leste (que abriga a Escola de Artes, Ciências e Humanidades, a Each) recebeu seus primeiros alunos em 2005, representando a maior expansão dos últimos anos. Mas a USP chega a seus 80 anos com a unidade interditada por problemas ambientais não resolvidos desde a inauguração e a volta às aulas no local está ameaçada.

Com a interdição, a nova diretora da unidade, professora Maria Cristina Toledo, tem feito parte do seu trabalho de uma mesa para discutir com o Centro

Esportivo da Cidade Universitária (CepeUSP), no Butantã. “Temos de ter a estabilização do funcionamento da unidade, com segurança, para que a escola possa desenvolver suas potencialidades”, diz ela, escolhida para o cargo no ano passado. “Muitas pesquisas estão tendo prejuízos incalculáveis.”

A USP Leste foi instalada à beira da Rodovia Ayrton Senna, em área usada para descarte de dragagem do Rio Tietê. Foram criadas dez graduações não tradicionais, escolha criticada à época por não atender a deman-

das da população local, de cursos de Administração e Engenharia. A unidade teve histórico difícil. Registrou alta evasão e ameaça de fechamento de vagas. Egressos de alguns cursos ainda enfrentaram dificuldade para obter registro profissional por causa dos currículos.

No ano passado, a USP foi autuada e multada pela Companhia Ambiental do Estado de São Paulo (Cetesb) por inadequação na extração dos gases tóxicos do solo e por não ter realizado medidas em relação a terras contaminadas descartadas em 2011 na unidade. A interdição ocorreu no último dia 8 em respeito à decisão judicial que apontou riscos à saúde.

“Acho que criaram o câmpus e depois esqueceram”, diz Guilherme Sampaio, de 19 anos, aluno do 2.º ano de Gestão de Políticas Públicas. Apesar dos trans-

tornos, Sampaio está satisfeito com o que encontrou. “A melhor parte é a integração entre os alunos”, diz ele, comentando o ciclo básico – disciplinas comuns a todos os cursos, parte do projeto pedagógico da unidade. “Tenho aulas ótimas.”

Sampaio representa um pouco do ideal que se projetava para a unidade: é morador da zona leste e egresso de escola pública. “Só pensei na USP no cursinho. Na minha escola não falavam da Fuvest, era um horizonte muito distante”, diz.

**Planos.** A nova gestão da Reitoria já se mostrou preocupada com a solução da situação atual, mas também com a necessidade de consolidar a unidade. Maria Cristina assumiu com a mesma perspectiva. “Mesmo muito nova, a unidade tem excelência. Mas precisamos fortalecer os cursos, extensão e pesquisa.”

Os problemas adiarão os planos de expansão da USP Leste. A previsão era usar terreno vizinho para a construção de mais 38 mil m<sup>2</sup> – são, atualmente, 44 mil m<sup>2</sup> – para abrigar novos laboratórios e um centro de convenções assinado pelo arquiteto Ruy Ohtake, formado pela USP em 1960. “Um dos desafios da universidade é o desenvolvimento da USP Leste. A região tem 4 milhões de pessoas, e a contribuição da USP é muito importante para que a formação dos jovens dali possa contribuir significativamente na formação da sociedade”, diz Ohtake.

A unidade tem sete pós-graduações. Estava previsto para este ano o curso de Engenharia, mas, com a interdição, sobram dúvidas. Hoje, são cerca de 5 mil alunos e 500 servidores. /P.S.

NA WEB  
Vídeo. Assista à entrevista com aluno da USP Leste  
estadao.com.br/elestado



“Foi na Faculdade de Medicina da USP, junto à equipe do prof. Zerbini, que eu fiz toda a minha capacitação em cirurgia cardíaca. Se tenho algum mérito, eu o devo à USP”

Adib Jatene, EX-MINISTRO DA SAÚDE E DIRETOR-GERAL DO HCOR, FORMADO EM 1953

# Por dentro da gigante de 90 mil alunos

Orçamento, de R\$ 4,3 bilhões, é maior do que o de 90% das cidades paulistas; 100 mil pessoas circulam pela Cidade Universitária por dia

São quase 90 mil alunos matriculados (58 mil de graduação e 28 mil de pós-graduação), cerca de 6 mil professores e 16 mil funcionários distribuídos em campi em sete cidades do Estado – além de centros de apoio e pesquisa em outras 12.

Para essa máquina funcionar, a Universidade de São Paulo tem um orçamento nada desprezível: R\$ 4,3 bilhões em 2013, mais do que 90% dos municípios paulistas.

A folha de pagamento engole 100% do orçamento. Isso faz com que a universidade recorra às suas reservas. “Houve um cer-

● **Expectativa**  
Os novos alunos serão conhecidos na próxima semana, dia 1º de fevereiro, quando a Fuvest divulga a lista de aprovados.

to avanço excessivo de gastos e a situação está muito delicada, insustentável em um prazo maior”, diz o professor Hélio Nogueira da Cruz, da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA-USP).

Manter uma universidade como a USP aberta não se resume a ter professores na sala de aula

e pesquisadores em laboratórios. Há outras complexidades: só na Cidade Universitária, cujas ruas já fazem parte do viário paulistano, circulam por dia 100 mil pessoas, 55 mil veículos e ônibus de 10 linhas. Por ano, 400 árvores doentes e mortas são cortadas e, a cada mês, 1,337 milhão de m² de grama e cantei-

ros são podados. O custeio total consome em torno de 15% do orçamento da instituição.

As três universidades estaduais (USP, Unicamp e Unesp) são financiadas com um percentual fixo do imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS). A maior parcela fica com a USP (5%). **/PAULOSALDANA**

## UNIVERSIDADE EM NÚMEROS

**76.314.505m²**

é a área total das unidades da USP no Estado

**90 mil**

alunos estudam na USP

**R\$ 4,3 bilhões**

foi o orçamento da universidade em 2013

**5,0295%**

do ICMS é destinado para a USP

**16.386.167**

obras fazem parte do acervo da universidade

**1.826**

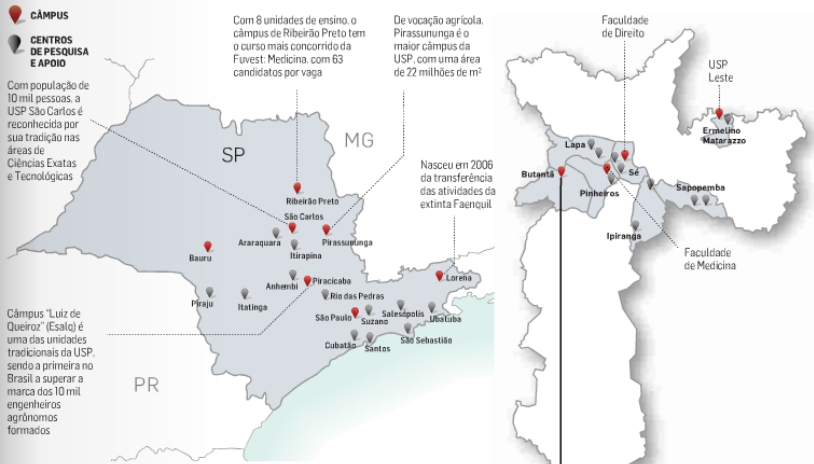
bolsas de auxílio moradia foram concedidas em 2013

**2.703**

vagas de moradia são oferecidas para alunos de seis campi

## Presença

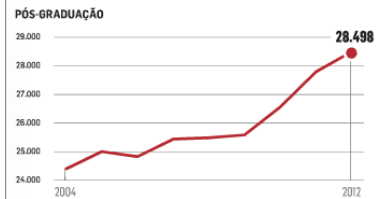
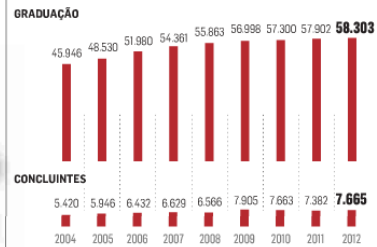
A USP tem campi em sete cidades



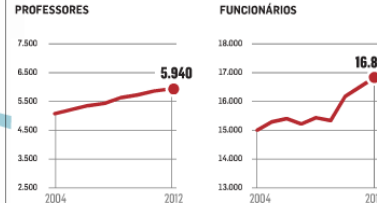
## Cidade Universitária



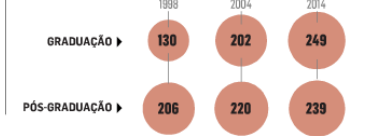
## Alunos matriculados



## Servidores



## Cursos/programas



## Comparação

Universidades top mundial nos rankings internacionais têm características diferentes da USP

INSTITUIÇÃO	ALUNOS GRADUAÇÃO	ALUNOS PÓS-GRADUAÇÃO	ALUNOS PÓS/TOTAL	ORÇAMENTO EM BILHÕES DE DÓLARES	CUSTO ALUNO/ANO EM DÓLARES	DOCENTES	ALUNO POR DOCENTE	PROFESSORES ESTRANGEIROS	PUBLICAÇÕES INDEXADAS (2005-2009)
MÉDIA DAS TOP 10	9.850	7.450	43%	2,22	128	2.512	6,89	29,7%	48.000
Harvard	7.000	13.000	65%	3,4	170	3.800	5,263	32%	70.000
Stanford	9.000	6.000	40%	4,1	273	1.800	8,333	5%	38.000
Berkeley	28.000	8.000	22%	1,8	50	1.700	21,18	31%	32.000
Cambridge	11.000	6.000	35%	1,3	76	4.000	4,25	41%	33.000
MIT	4.500	5.500	55%	2,6	260	1.800	5,56	7%	30.000
Caltech	1.100	2.000	67%	0,6	200	1.440	6,82	78%	20.000
Columbia	17.000	8.000	32%	3,3	132	3.800	6,58	7%	34.000
Princeton	5.000	2.000	28%	1,1	157	980	7,95	36%	14.000
Chicago	5.000	10.000	67%	2,7	180	2.800	5,36	22%	17.000
Oxford	11.000	14.000	56%	1,3	52	4.100	6,10	38%	32.000
<b>USP</b>	<b>58.303</b>	<b>31.902</b>	<b>35%</b>	<b>1,8</b>	<b>19,95</b>	<b>5.860</b>	<b>15,39</b>	<b>6,7%</b>	<b>35.855</b>





# Talvez o maior entre os franceses, Maugué é quase ignorado

Um grande sábio francês, o psicólogo Georges Dumas teve papel importante na criação da USP. Em 1908, ele veio ao Rio para um ciclo de conferências. Cerca de 30 anos depois, foi encarregado de indicar professores franceses que participariam da fundação da USP.

Dumas foi bem sucedido. Os professores recrutados por ele eram jovens desconhecidos. Seus nomes: Fernand Braudel, Claude Lévi-Strauss, Roger Bastide ou Pierre Monbeig. Mas 10 ou 20 anos mais tarde, tornaram-se figuras ilustres. E vamos reconhecê-los nas mais altas posições, na Academia Francesa e no Colégio de França (Collège de France). Lévi-Strauss é o maior etnólogo do seu tempo. Braudel é um dos pais da "Nova História"

ria" e da École des Annales.

Na nova USP as lições desses homens fascinam. O grande crítico brasileiro Antonio Cândido rememora: "Braudel era um grande ator. Antes de iniciar uma aula, costumava dizer: 'hoje vou lhes descrever a morte de Maria Stuart. Observem. Eles irão chorar quando lhes disser tal frase'. Durante a aula a emoção crescia e, no momento previsto, todo mundo tirava o lenço do bolso". O grande etnólogo Claude Lévi-Strauss deixou lembranças as mais diversas. Ele não só escreveu obras capitais, mas também inventou um método, o "estruturalismo", que continua a fomentar a pesquisa antropológica mundial.

Por outro lado, seus cursos eram menos animados do que os de Braudel. Lévi-Strauss guardava uma certa distância. Sua mecânica intelectual era tão fabulosa que intimidava os auditórios. Dizia coisas bizarras. Referindo-se a São Paulo, afirmou: "Pena que São Paulo tenha passado do frescor para a decrepitude sem se deter na velhice".

O terceiro "grande" da equipe era o sociólogo Roger Bastide. Eu o conheci em 1951. Um homem gentil, astuto, inconstante. Falava um português medonho e, contudo, conhecia perfeitamente a língua falada no Brasil em todos os seus níveis. Poeta, mais do que teórico, ele penetrou em todos os antros onde se formava o pensamento religioso do País. Vagou sem destino. Perambulou.

Na equipe havia também um homem estranho. Ao passo que todos os seus colegas avançaram no caminho da celebridade, ele permaneceu quase ignorado e, no entanto, foi, talvez, o maior de todos.

Quem ainda lembra de Jean Maugué? E que obras escreveu? Nenhuma. Contudo, ele foi uma verdadeira revelação para os estudantes, bem mais do que Bastide e Braudel.

Eis o veredito do grande Antonio Cândido: "Jean Maugué talvez tenha sido o maior professor que conheci em minha vida: um verdadeiro gênio didático. Invariavelmente, os 15 minutos iniciais da sua aula de filosofia eram consagrados a comentários sobre os jornais,

sobre os filmes e os romances brasileiros que acabavam de ser lançados. Ele nos apontava o mundo real. Para o nosso grupo, o grande mestre era Jean Maugué".

Revelação fascinante de Antonio Cândido: o verdadeiro gênio da equipe não deixou nenhuma obra. Um homem que era apenas palavra, gesto e presença. Pertenceria ele a essa raça rara e preciosa cuja genialidade se exprime pela boca e a língua, pelo gesto, pela respiração ou o sorriso, e não pelo pergaminho, pela estante ou o livro impresso? Se for o caso, ele está em boa companhia, ao lado de colegas, entre os quais os mais conhecidos são Jesus Cristo, Sócrates ou Buda. Sem compará-lo a estes gigantes, nada nos impede de sonhar que estamos ouvindo aquelas extraordinárias palavras ressoando nos anfiteatros da USP nos anos 1930, das quais nenhum escriba jamais extraiu sua essência e seus mistérios. **TRADUÇÃO DE TEREZINHA MARTINO**

\* É CORRESPONDENTE DO 'ESTADO' EM PARIS



"A USP tem desempenhado importante missão na formação acadêmica. A medida que intensifica o desenvolvimento econômico e social, o desafio fica maior"

Roy Ottens, ministro de Educação da USP em 2002



"A USP percorreu estes 80 anos sem desviar-se de seus ideais de liberdade e excelência. Seu caminho, agora, é consolidar-se como instituição de alcance global"

Gerardo Alvim, governador do Estado de São Paulo

## Entrevista Marco Antonio Zago, 26º reitor da USP

# 'É POSSÍVEL TER MAIS DE UMA PORTA DE ENTRADA'

Reitor fala em repensar a Fuvest como acesso único e sinaliza para reforma de currículos

Pedro Sabido

Roberto Godoy

Os 60 anos, assume a USP tendo pela frente desafios já conhecidos, como a pressão para aumentar a inclusão e a melhoria da relação com as áreas mais combativas do movimento estudantil. Zago pretende investir no diálogo e considera importante repensar os meios de acesso à universidade: "É possível ter mais de uma porta de entrada", disse ele, em entrevista ao Estado. O 26º reitor inicia o mandato também com demandas urgentes, como a interdição da USP Leste e o comprometimento de praticamente todo o orçamento de R\$ 4 bilhões com pessoal.

Com seis anos de universidade? Será uma luta para comemorar os 80.

Qual o principal desafio? Primeiro, é reconhecer e combater, com respeito à diversidade de ideias. Em seguida, fugir, valorizar os nossos cursos de graduação. E, depois, fazer uma gestão financeira em um momento em que temos dificuldades no que diz respeito às finanças.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

ser tratada de forma especial, possa promover uma revisão ampla dos currículos e estruturas dos cursos. Claro que isso terá de ser feito em cada um dos institutos e faculdades. Mas cabe a nós fornecer os instrumentos para que isso ocorra, a começar com a flexibilização da legislação. Hoje, uma mudança leva meses, demora dois anos. Precisamos descentralizar isso.

A USP estabeleceu uma meta para 2014. Há 100 dias de aulas de escola pública, com respeito a critérios rígidos. Como o senhor encara esse compromisso? É factível?

É factível. A meta é correta, é bem que a universidade tenha definido. Assim manifestar que, além da sua missão de criar conhecimento e formar profissionais competentes, também existe a missão de modificar a sociedade. A meta é factível, mas não sei se será alcançada apenas com as medidas já tomadas (de flexibilização no vestibular). Se percebermos que o ritmo de inclusão está

seu ritmo, tentamos de ampliar as estratégias. Podemos ter outras estratégias, sem abandonar a meta. O acesso à universidade precisa ser revisito.

A USP deve repensar a Fuvest como acesso único à graduação? A universidade precisa pensar nisso. Será que essa é a única maneira de selecionar talentos? Acho que é possível ter mais de uma porta de entrada.

Qual o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

foi de ministério e hoje não podemos nos orgulhar. Acho que reverter a história seria importante para resgatar o papel e o papel da universidade e das pessoas naquele período. Dependendo da escala que usamos para apontar os melhores. Pensando nos atuais sistemas de rankings, a USP provavelmente nunca será uma das

melhores. Forças as instituições no tipo são de tamanho médio para pequeno, com grandes orçamentos, focadas na pesquisa. As 12 mais importantes do mundo têm, em média, 17 mil alunos. Nós temos 20 mil. É importante olhar para os rankings, mas não podemos ser excessivos nisso.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.



Marco Antonio Zago, reitor da USP

Marco Antonio Zago, reitor da USP

### QUEM É

Marco Antonio Zago é professor titular da USP desde 1990. Graduação em Medicina pela Faculdade de Medicina da USP em 1970, em 1973, obtém título de mestre e de doutor em Clínica Médica pela mesma faculdade, na mesma década. É docente em dedicação exclusiva desde 1973, tendo realizado o pós-doutorado na Universidade de Oxford. Dentre outros cargos, foi presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) entre 2007 e 2010. Desde 2010, atua como professor de Física da USP.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam na medida da comunidade. Quando pequenos grupos assumem posições, de tempo em tempo, saem, isso lembra a ditadura.

Como o senhor vai lidar o diálogo com o movimento estudantil? Temos de dialogar com todos, desde que haja respeito e não violência. É certo que a pressão das decisões tem de ser ouvida, mas não devemos permitir que grupos minoritários não se reflitam no volume de pessoas envolvidas. Grupos minoritários não de ser ouvidos

# ‘O progresso tecnológico está sendo atingido pela universidade’



NELTON FUKUDA/ESTADÃO

Dos 80 anos da USP, o professor José Goldemberg participa dos últimos 68. Chegou em 1948 para estudar Química (depois mudou para Física), foi reitor, e, ainda hoje, aos 84 anos, pesquisa e dá aulas na pós-graduação.

**● O senhor era reitor quando a USP ganhou autonomia orçamentária. Isso foi marcante para o desenvolvimento da universidade?**  
O desenvolvimento da universidade depende das condições macroeconômicas. Era preciso barganhar os recursos toda semana. Como qualquer contratação tinha de entrar nos procedimentos gerais do governo, na prática não tínhamos também autonomia administrativa. Durante uma das greves, eu e o Paulo Renato (então reitor da Unicamp), fomos falar com o governador

Orestes Quéricia e combinamos que a fração de recursos transferidos nos últimos anos seria fixada. Foi o atestado de maioridade da universidade. A partir disso, podíamos fazer planos de gastos, projetos.

**● Mas o que mais explica o sucesso histórico da USP?**

Um artigo do decreto de criação da USP já definia a adoção de regime de tempo integral e dedicação exclusiva de professores, algo inédito na época. Outro definiu a autonomia científica, didática e administrativa. E já se falava da autonomia financeira.

**● A USP atingiu seus objetivos?**  
O progresso da ciência foi atingido e o tecnológico está sendo atingido. Até mesmo nos rankings, a USP está entre as 200 melhores entre 10 mil

universidades no mundo. Estamos em um grupo muito privilegiado. Na finalidade de formar profissionais também houve sucesso. A USP povoou as empresas e também outras universidades com grande número de egressos. Ela estabeleceu um padrão. Na missão de realizar a obra social, o sucesso foi relativo, porque não houve interação com o ensino secundário, embora a culpa não tenha sido da USP.

**● A universidade é muito diferente em 2014 do que era na década de 1950?**

A USP é muito maior, com mais gente fazendo mais coisas. Antigamente, o universo de competências era mais limitado, e agora há especialistas em tudo. A área médica desenvolveu extraordinariamente desde 1950. Mas, na qualidade, por incrível que pareça, o que tinha de bom em 1948, 1950, continua agora. Lembro de quando publiquei meu primeiro trabalho científico, em 1951, e já havia os padrões que seguimos hoje. /P.S.



**NA WEB Video.** Veja entrevista com os reitores  
tv.estadao.com.br

# ‘Crescer exageradamente pode comprometer a qualidade’

A lém de reitor, Flávio Fava de Moraes foi diretor científico da Fapesp, secretário de Estado de Ciência e Tecnologia e vice-presidente da Associação Internacional de Universidades (IAU-Unesco). Hoje, é diretor-geral da Fundação Faculdade de Medicina.

**● Quais os desafios da USP?**  
O tamanho. Ela está crescendo exageradamente. Isso pode comprometer não só a qualidade, mas a gestão. Outro desafio é melhorar a interlocução

com docentes e funcionários.

**● O HC é o principal polo de ensino de práticas médicas no País. É possível crescer?**

Tem potencial, mas tem uma questão conceitual. Ele tem como princípio ser hospital universitário. Não é substituir o Estado. Crescer demais tem impacto sobre a qualidade.

**● A USP adotou sistema de bonificação. O senhor é a favor?**  
Acho que foi um bom avanço e o tempo dirá se deve ser revisado. /BÁRBARA FERREIRA SANTOS

# ‘Próximo desafio é priorizar o ensino da graduação’

Única mulher a comandar a reitoria da USP, Suely Vilela foi diretora da Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Ribeirão Preto e pró-reitora de graduação. Hoje, faz parte da diretoria do Núcleo Internacional.

**● A USP perdeu posições nos rankings. Como melhorar isso?**  
As últimas gestões focaram a internacionalização, e a USP vem melhorando. No entanto, temos de investir na infraestrutura: para os estrangeiros e para estimular os docentes.

**● Quais são os outros desafios?**  
Ela precisa priorizar o ensino de graduação, precisa ter uma avaliação interna da graduação, que tenha como consequência a valorização dos professores. Ainda não estamos nos patamares desejados.

**● A senhora foi a única reitora. As mulheres ainda não conseguem chegar aos altos cargos?**  
É um desafio. Temos 43 unidades de ensino e pesquisa, em 10 delas em média há mulheres na direção. Mas isso vem melhorando. /B.F.S.

# ‘O Estado deve decidir o que quer da USP’

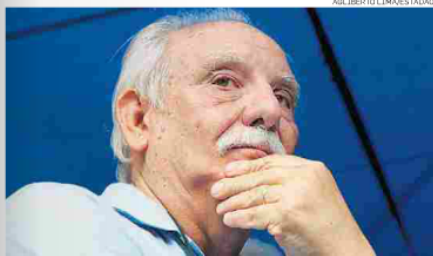
A lém de assumir a reitoria da USP, o carioca Roberto Lobo foi diretor do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas e do CNPq. Blogueiro do Estado, falou sobre os problemas de expansão.

**● O ritmo de crescimento da USP tem de ser moderado?**  
A USP já tem gente demais. As maiores universidades do mundo não têm mais de 40 mil alunos. A USP já tem quase 100 mil. É complicado gerir uma instituição assim. É preciso que o Estado decida o que quer da USP: uma universidade de massa, de fronteira ou que atue no ranking mundial. O que não pode é que a USP tenha de ser tudo.

**● Quais os outros gargalos?**  
A USP tem de melhorar os processos de avaliação, se planejar financeira e cientificamente, com adequação de áreas prioritárias, como trabalhar com núcleos de pesquisa. Se olharmos os índices de citação, a USP não está bem. Tem de planejar como suas pesquisas terão mais impacto.

**● Como ampliar o diálogo com os alunos?**  
Para mim, não pode entrar na reitoria. Essa invasão repetitiva da reitoria da USP na história é uma aberração, é uma doença crônica. /B.F.S.

# ‘Cota deve existir pelo lado social e econômico; entrada é por mérito’



AGUIBERTO LIMA/ESTADÃO

O geólogo Adolpho José Melfi apostou no projeto de crescimento do número de alunos e na expansão territorial durante sua gestão. Aos 77 anos, é defensor da meritocracia e contra a adoção de cotas raciais. Com doutorado em Geociências, Melfi também foi pró-reitor de pós-graduação e vice-reitor.

**● O senhor foi reitor no período da criação da USP Leste. Como foi a experiência de expansão?**  
A USP estava estabilizada em torno de 7 mil vagas. Fizemos um estudo para elevar esse número para 10 mil. A maior expansão foi com a USP Leste, mas tivemos também ampliação com o câmpus de São Carlos. Houve expansão geral, com novos cursos. Sobre a zona leste, foi uma experiência nova, quando tentamos criar

uma escola diferente. Acho que foi uma boa experiência. Depois, tivemos alguns problemas. Houve falta de apoio, não criaram os prédios previstos. Mas, do ponto de vista do ensino, foi um sucesso.

**● Mas o senhor, recentemente, recomendou uma redução de vagas lá. Por quê?**

Foi feito estudo por uma comissão, da qual eu fiz parte, e vimos que alguns cursos, por exemplo, o de Ciências da Natureza, tinha número de vagas muito grande, 120, mas que atraía relativamente pouco no vestibular. Daria para concentrar num período e ter participação mais efetiva de professores. Houve sugestão. Aquilo foi utilização política.

**● Houve manipulação?**  
Houve sim. Aquilo criou uma

rebelião lá dentro quando a comissão era apenas para indicar caminhos. A decisão seria da Congregação. Isso criou um problema principalmente na área de saúde. Eu acho que Obstetrícia é importante, mas deveria atuar dentro da Enfermagem. Não foi pedido que o curso fechasse.

**● O sr. continua defendendo uma política de expansão?**  
Acho que hoje a USP atingiu um número bastante razoável. Eu não pensaria em fazer expansão fora dos câmpus que já existem. Nós criamos em São Carlos o curso de Engenharia Aeronáutica, Engenharia de Computação, e também cursos em Ribeirão Preto. A única expansão fora dos câmpus existentes foi a de Lorena.

**● O senhor era contra as cotas raciais. Mantém essa posição?**  
Sim. Naquela época a gente defendia que poderiam existir cotas, mas que deveriam ser mais do ponto de vista econômico e social. Hoje a USP caminha nesse sentido. Mas acho que, em princípio, a entrada deve ser por mérito.

**● A USP deve se dirigir mais para formação dos jovens para o mercado de trabalho ou mais para a massa crítica?**

As duas vertentes são importantes. /PABLO PEREIRA

# ‘Sou contra imposição que debilite a autonomia universitária’

Nascido no Egito, em 1947, Jacques Marcovitch chegou ao Brasil aos 15 anos, acompanhando os pais, forçados a deixar o país por motivos políticos e religiosos. Entrou na USP em 1965.

**● Qual foi o momento mais gratificante no cargo e qual o pior?**  
O gratificante ocorre quando iniciativas decisivas para o futuro da universidade conquistam consenso da comunidade acadêmica e endosso da sociedade. O contraponto foi a greve imotivada, que tentou a prevalência da

força sobre valores acadêmicos.

**● O senhor é contra cotas?**  
Sou contra imposições que debilitem a autonomia universitária. A inclusão socioeconômica de egressos de escolas públicas, em especial afrodescendentes, continua sendo uma das prioridades da USP.

**● Por que o sr. proibiu o trote?**  
O trote foi proibido para substituir o empurrão pelo abraço fraterno. Houve um basta à violência que constrangia e intimidava. /P.P.

# ‘A USP não deve ter ensino pago. Isso não passa de mercantilização’

Engenheiro civil e matemático, Waldyr Oliva foi reitor na reabertura democrática do País. Responsável pela readmissão de professores exilados pela ditadura, também criou o sistema integrado de bibliotecas.

**● Como foi o processo de readmissão de professores cassados?**  
Criamos um quadro especial e os anistiados que quiseram retornar fizeram sem a criação formal, pelo governo do Estado, de cargos necessários. Como os cargos representa-

vam uma pequena margem de despesas para cada unidade, as coisas ficaram facilitadas.

**● Havia pressão do governo Maluf, à época, para o ensino pago na USP. Hoje seria possível?**  
Sou contra a implantação do ensino pago na USP. Isso não passa de uma mercantilização.

**● Quais desafios a USP precisa superar?**  
Não pode deixar de priorizar seus objetivos que são pesquisa, ensino e prestação de serviços à comunidade. /B.F.S.

# ‘Os cursos a distância vão se impor agora’

Hélio Guerra Vieira foi um dos pesquisadores que lideraram a construção do primeiro computador brasileiro, o Patinho Feio, em 1972. Foi reitor, presidiu a Fapesp e o Instituto de Engenharia de São Paulo.

**● Como foi fazer o ‘Patinho Feio’?**  
Naquela época só se tinha acesso ao software e passou a se ter acesso a hardware também. Começamos a trazer especialistas do exterior. A gente sugeriu, e eles toparam, fazer um computador pequeno.

**● Na reitoria, o senhor se depaurou com a Assessoria Especial de Segurança e Informação, órgão da ditadura.**

Tinha uma sala onde havia um general chamado Franco. Ele dava parecer sobre os processos de contratação da USP. Disse ao comandante do 2.º Exército que o serviço não nos interessava mais. Deixaram a sala com os arquivos. Eram 12 processos aprovados internamente (e parados). Mandei contratar todo mundo.

**● E sobre o futuro, é possível aumentar a produção científica?**  
O crescimento da produção científica está acontecendo. O impacto agora são as consequências da internet, que vai mudar o perfil das escolas. Os cursos a distância vão impor. /B.F.S.

OS RETORES



USP  
Especial 80 anos

CARLOS IVANO GLOBE

“O talento de seus professores, o reconhecimento de sua importância e o apoio que recebe da sociedade paulista fazem da USP a principal universidade da América Latina”

Simon Schwartzman, SOCIOLOGO E PESQUISADOR, FOI PROFESSOR DA USP E PRESIDIU O IBGE NA DÉCADA DE 1990

# Professor padrão é homem, doutor e tem de 51 a 60 anos

Eles também trabalham em regime de dedicação integral; prestes a se aposentar, Miguel Reale Júnior lembra seus 52 anos de USP

Marina Azevedo

**D**ecano da Faculdade de Direito da USP, Miguel Reale Júnior, de 69 anos, está há 52 na universidade – ele entrou em 1963 em duas faculdades: Direito e Filosofia. Formado em ambas em 1967, começou a dar aulas em 1969 e, desde então, afastou-se da instituição apenas por breves períodos. “O mais longo foi quando fui assessor da Presidência na Constituinte e fiquei dois anos fora. Mas houve alguns períodos breves em que me afastei, quando era secretário de Segurança de São Paulo, nos anos 80, para cuidar dos ‘rolezinhos’ da época”, lembra ele,

que também foi ministro da Justiça do governo Fernando Henrique Cardoso.

Reale faz parte de uma equipe de 6.046 professores que compõem o corpo docente da principal universidade do País em 2014. O professor da USP padrão é homem (62%), tem de 51 a 60 anos (32,4%), trabalha em regime de dedicação integral à docência e à pesquisa (86,65%) e tem cargo de professor doutor (50,81%).

É o caso de Maurício Carvalho Ramos, professor do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH). Aos 53 anos e com pós-doutorado pela Universidade de Montreal, ele é professor da USP há sete.

“Apesar de alguns problemas, como má distribuição das bolsas de estudo para a pós-graduação, gosto muito de dar aulas na USP. É uma universidade que tem muitos recursos materiais e humanos”, diz ele, que se formou em Ciências Biológicas na extinta Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Caetano do Sul.

Outra característica da USP é o alto percentual de doutores. De acordo com números de 2012, apenas 0,87% não tinha o título – além dos 50,81% de professores doutores, havia 29,72% de professores associados e 18,58% de professores titulares, cargos mais elevados, que também exigem o título de doutor. Em 1989, o percentual de

doutores era de 66,3%.

Miguel Reale Júnior concluiu seu doutorado pela própria USP em 1971. Hoje ele é chefe do Departamento de Direito Penal, Medicina Forense e Criminologia da Faculdade de Direito. E, ao contrário de muitos professores experientes, prefere dar aulas para a graduação. “Tenho satisfação em apresentar o Direito Penal para jovens de 18, 19 anos.”

No entanto, prestes a se aposentar – ele completa 70 anos em abril, idade em que a aposentadoria torna-se compulsória –, Reale Júnior nem começará o próximo semestre letivo. “Temos de nos conformar com os passos que vão sendo dados pela existência”, afirma.

Para grande parte dos professores, deixará instituição para a qual dedicaram a vida inteira não é fácil. “Me aposentei em 2003. Mas, desde então, tenho trabalhado para terminar um estudo começado pela minha mulher, já morta, de documentação do acervo do Instituto de Física”, diz o físico Ernst Hamburger, pai do cineasta Cao Hamburger. “Vou todos os dias

## CORPO DOCENTE

### ● Número de docentes

Em 1989, a USP tinha 5.626 professores. Em 2012, eram 5.860. No ano 2000, esse número chegou ao seu menor patamar: eram 4.694 docentes.

### ● Regime de trabalho

Atualmente, a maioria dos professores trabalha em regime de dedicação integral à docência e à pesquisa (86,65%), mas ainda há 11,22% de docentes em regime de turno completo (24 horas) e apenas 2,11% em regime de tur-

no parcial (12 horas).

### ● Categoria

Em 2012, além de 2.978 professores doutores, havia 1.742 professores associados e 1.089 professores titulares, o cargo mais alto da carreira acadêmica.

### ● Aposentadoria

Ao fazer 70 anos, os docentes da USP têm de se aposentar, mas muitos permanecem no câmpus. Há, hoje, 532 professores aposentados dando aulas.

à universidade. Só deixo de ir quando a saúde não permite”, afirma. Aos 80 anos, ele está na USP desde 1951, quando entrou na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Aos 70 anos, Maria Fidela de Lima Navarro, professora da Faculdade de Odontologia de Bauru, aposentou-se em dezembro, depois de 47 anos como docente, mas não pretende deixar o câmpus tão cedo. “Vou continuar na pesquisa, pois sinto que ainda tenho muita energia.”

“Naquela época, o mais importante não era estudar Direito, mas estar na faculdade, que era um ponto de encontro, de incentivo, de debate de Artes e Humanidades. Era muito importante viver no pátio, discutir os últimos livros, política, o marxismo e a última peça de teatro. Os estudantes não estavam tão sofregamente preocupados com o futuro profissional, eles queriam usufruir daquela convivência. E havia um grande interesse em seguir advocacia”, afirma. “Hoje, 90% dos estudantes preferem um concurso público. É uma busca por segurança. Há um desânimo do jovem. Ele se define hoje pelo que vai ser daqui a 35 anos, quando se aposentar.”



## NA WEB

**Vídeo.** Assista à entrevista com Reale Júnior

[estadao.com.br/e/profs](http://estadao.com.br/e/profs)



**“Acompanhei duas gestões de meu pai, Miguel Reale, como reitor. Sempre estive próximo da USP”**

**Miguel Reale Júnior**  
PROFESSOR DE DIREITO PENAL

**Arcadas.**  
Decano do Direito, Reale Júnior se aposenta neste ano

## Argentinos lideram ‘invasão’ de docentes de outros países

São 395 professores estrangeiros, ou 6% do total; universidade é considerada ponto de entrada na América do Sul

O geneticista francês Hugo Aguilaniu passa três meses por ano no Brasil. O destino, porém, não é nenhuma praia ou cidade turística, mas a Cidade Universitária da USP. Ele dá aulas como professor convidado do Ciência sem Fronteiras e coordena pesquisas sobre os genes do envelhecimento.

Casado com uma brasileira, Aguilaniu veio pela primeira vez a trabalho ao País em 2009, após fazer contato com a professora Alicia Kowaltowski. Desde então, tem vindo periodicamente e, antes do Ciência sem Fronteiras, passou pelo Programa Cadeiras Francesas do Estado de São Paulo. Hoje, há 395 professores estrangeiros contratados pela universidade – dez deles, franceses –, o que corresponde a 6,7% do total de docentes. Na britânica Universidade de Cambridge, são 41%. No Instituto de Tecnologia da Califórnia (Caltech), 78%.

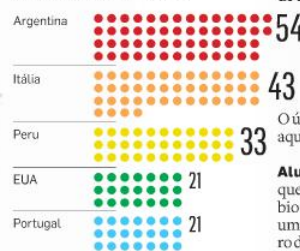
“Eu estava procurando alguma coisa no Brasil e 90% da pro-

### INTERNACIONAL

**395** professores são estrangeiros  
6,7% do total



#### Principais países de origem



INFORMAÇÃO/ESTADÃO

dução acadêmica visível no exterior vêm da USP. A universidade é o ponto de entrada da América do Sul”, afirma Aguilaniu, que também leciona em instituições da França, da China e da Grã-Bretanha.

Considerada um dos maiores desafios da universidade atualmente, a internacionalização – que inclui a promoção de intercâmbios de alunos e professores com instituições de outros países – é também um dos te-

mas que mais têm sido debatidos no meio acadêmico. A baixa internacionalização da universidade é, inclusive, um dos pontos avaliados na elaboração de rankings de universidades, em que a USP não tem obtido mui-

to destaque, apesar de ser a brasileira mais bem colocada.

O americano Houtan Noushmehr é professor do Departamento de Genética da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto desde 2012, quando deixou o posto de pesquisador da Universidade de Southern, na Califórnia. “O suporte que recebo da universidade é fantástico. O único problema que enfrento aqui é a burocracia”, diz.

**Alunos.** Da mesma maneira que tem investido no intercâmbio de professores, a USP viu um grande aumento no número de alunos estrangeiros nos últimos anos. Em 2005, eram 498. No ano passado, chegou a 1.629. “Para mim, foi importante ver algo que funciona de maneira diferente. Hoje, consigo avaliar muito melhor as coisas no meu país e na minha universidade”, diz a alemã Hannah Esser, de 24 anos, que passou oito meses na Faculdade de Medicina. /M.A.



“Toda a minha formação acadêmica é devida à USP. A Faculdade de Economia e Administração me abriu o caminho da teoria econômica e me deu os instrumentos para a pesquisa”

**Affonso Celso Pastore**, ECONOMISTA, PROFESSOR DA FGV-RJ E EX-PRESIDENTE DO BANCO CENTRAL; GRADUADO PELA USP EM 1962 E PROFESSOR A PARTIR DO ANO SEGUINTE

FOTOS: NILTON FUKUDA/ESTADÃO



“Me sinto em casa na USP, mas a adaptação é demorada para conseguir boas notas. E quero me destacar”

**Matheus Kallio de Sá Pereira**  
ALUNO DE ENGENHARIA



“Meu pai tinha o sonho de ter um filho médico. Como era a primogênita, entrar na USP foi um caminho natural”

**Aida Bortolai Libonati**  
MÉDICA GRADUADA EM 1940

## Briga para estar entre os melhores

Concorrência média é de 15,5 candidatos/vaga; 172 mil se inscreveram no último vestibular

**Paulo Saldaña**

Muito antes de imaginar que um dia estaria na faculdade, Matheus Kallio de Sá Pereira já pensava que a USP seria um bom lugar. “Quando era novo, ela era uma coisa de TV para mim, sempre ouvia no jornal sobre pesquisas da universidade. Deviaser um bom lugar para estar, de gente inteligente, eu pensava.”

Aos 18 anos, ele passou pela peneira da Fuvest e chegou lá. Foi aprovado em Engenharia no ano passado. “Ainda fico maravilhado com o lugar onde estou, realizado por ter conseguido chegar aqui.”

O estudante é o primeiro da família a cursar o ensino superior. Filho de pais nordestinos, morador da zona leste, Ma-

theus se acostumou a ser o primeiro da turma nas escolas públicas pelas quais passou até a 6.ª série. A partir do ano seguinte, conseguiu uma bolsa do Instituto Social para Motivar, Apoiar e Reconhecer Talentos (Ismart). A USP surgiu como uma possibilidade real no Colégio Bandeirantes, onde ficou até o 3.º ano do ensino médio.

“Antes eu não conhecia ninguém que tinha entrado na USP”, conta ele, que arranja tempo entre os estudos, as aulas de alemão e a iniciação científica para fazer remo na raia



**NA WEB**  
**Video.** Veja debate entre aluno e professor

[estadao.com.br/debateusp](http://estadao.com.br/debateusp)

olímpica da Cidade Universitária. No futuro, quer atuar no mercado financeiro, área povoada por engenheiros.

**Concorrência.** A universidade ofereceu 11.057 vagas para 2014 e, com 172 mil inscritos no vestibular, a concorrência média foi de 15,5 candidatos por vaga – em carreiras mais concorridas, como Medicina, passa de 60.

A maior expansão dos últimos anos ocorreu com a USP Leste, a partir de 2005. Com dez graduações, a unidade passou a oferecer 1,02 mil vagas a cada ano (mais informações na página 4). Os dados mais recentes, de 2012, mostram que praticamente metade dos ingressantes da USP Leste vinha de escola pública.

Mas a situação não se repete no geral. No último ano, 28% dos matriculados na USP eram dade pública – percentual menor do que o de 2012.

**Meta.** A USP estipulou no ano passado a meta de ter 50% de seus alunos, por curso, vindos de escola pública até 2018. A instituição descartou a adoção de cotas – como já ocorre nas instituições federais de ensino superior – e apostou no aumento do bônus na pontuação do vestibular, com acréscimo maior para candidatos autodeclarados pretos, pardos e indígenas.

Para o professor Marcus Orione, da Faculdade de Direito, a universidade terá de rever as regras. “A USP não tem como ficar indiferente ao que ocorre nas federais”, diz.

## Pioneira em território masculino

Quatro mulheres e 77 homens formavam a turma de Medicina de Aida Libonati, em 1940

**Marina Azaredo**

Em 1933, Aida Bortolai Libonati, então com 19 anos, decidiu fugir do destino quase certo das mulheres da época: casar, ter filhos, cuidar da casa. Primogênita de uma família de imigrantes italianos, ela decidiu realizar o sonho do pai mecânico, que queria um filho médico. Depois de um curso preparatório para o exame de ingresso na universidade – espécie de vestibular da época –, ela foi aprovada e se tornou uma das quatro mulheres da turma de 81 alunos que se formou em Medicina na USP em 1940.

“Eles (colegas de classe) eram muito delicados, não eram como os homens de hoje, que são tão grosseiros. Tínhamos uma convivência muito boa”, lem-

bra Aida, que faz 100 anos em outubro. Depois de formada, a médica encarou jornada dupla, expediente raro para as mulheres da época.

O consultório de Aida ficava na casa da família no Ipiranga, zona sul de São Paulo. Clínica geral, ela dividia o lugar com o marido, o cirurgião João Raphael Libonati, morto em 2001. Os dois se conheceram no curso preparatório para o ingresso na USP e começaram a namorar durante a faculdade. “Imagina, eram quatro mulheres para todos aqueles homens. Ela era bo-



**NA WEB**  
**Online.** Íntegra dos depoimentos sobre a USP

[estadao.com.br/euspfalas](http://estadao.com.br/euspfalas)

nita, acabou ficando com um deles”, brinca o médico Sérgio Libonati, de 70 anos, um dos dois filhos de Aida. “Éramos uma família de classe média, e os dois tinham de trabalhar. Mas ela foi uma mãe muito zelosa”, diz.

**Sem preconceito.** Na década de 1940, a USP era um território predominantemente masculino também em outras unidades. No Direito, por exemplo, dos 207 formados em 1940, apenas sete eram mulheres. Hoje, elas representam 48% dos alunos em toda a universidade. Mas Aida afirma não ter enfrentado preconceito. “Todos os colegas foram boníssimos comigo. Tínhamos de estudar muito, mas foi um tempo ótimo.”

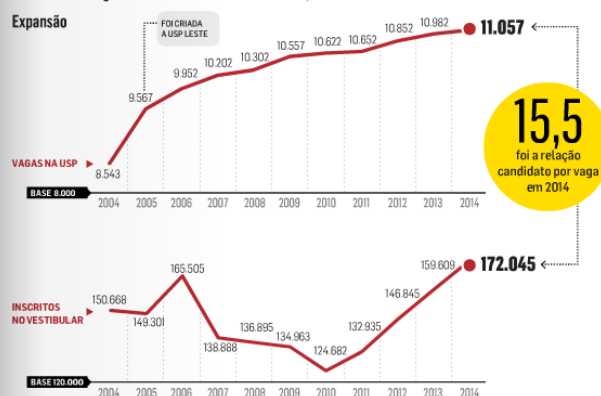
Nas primeiras décadas, somente filhos de classe média e classe média alta tinham acesso à universidade. “Era um ambiente de intelectuais. As aulas eram como palestras. O curso de Direito era conceitual e humanístico. Discutíamos questões do homem e do Direito, e não a prática forense. Hoje, o advogado não é mais um intelectual, é um homem de escritório”, diz o diretor de teatro e cinema Emílio Fontana, que também estudou na Escola de Arte Dramática.

“Meu pai estudou na USP, então tive influência dele para entrar na São Francisco”, conta a advogada Maria Cecília Prestes Yrula, que frequentou o curso de Direito de 1967 a 1971. “Foi um período ótimo e uma das coisas que mudaram a minha vida.”

**COLABOROU VICTOR VIEIRA**

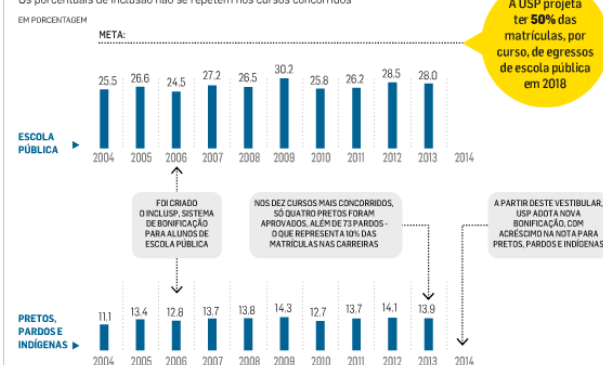
### CONCORRÊNCIA

● Número de vagas cresceu 29% na última década, mas o número de inscritos no vestibular é muito maior



### Inclusão

Os percentuais de inclusão não se repetem nos cursos concorridos



**USP**  
Especial **80** anos



“Tenho muito orgulho de ter estudado na USP, que me deu uma excelente formação. Meu pai e companheiros que ajudaram a construir o Itaú Unibanco também passaram por lá”

**Roberto Setubal**, PRESIDENTE DO ITAÚ UNIBANCO, FORMADO PELA ESCOLA POLITÉCNICA EM 1977

LARA MORSELLI

MARCO SANTOS/AGÊNCIA LIP



Além muro. Interior da FEA: falta de educação de base atrapalha

“Fora das democracias industrializadas, a ciência política da USP é uma das principais do planeta”

**Scott Mainwaring**  
PROFESSOR DA NOTRE-DAME

# Do lado de fora, muitos elogios e algumas cobranças

Formadora de quadros, criadora de uma visão crítica do País, a USP sofre com burocracia e precisa se modernizar, dizem os não uspians

**Gabriel Manzano**

**A**valiada fora de seus longos muros e grades verdes, a Universidade de São Paulo chega aos 80 anos com excelentes notas. Poderiam ser ainda melhores, admite a maioria dos consultados, se o País tivesse uma educação de base adequada. E ela estaria mais perto do topo nos rankings mundiais se tivesse, principalmente nas Humanas, uma produção bilíngue. Seu retrato de octogenária, mos-

trado a um amplo universo não uspians, despertou expressões como “um enorme sucesso”, “destacado centro de referência”, “primeira janela brasileira para o mundo” e até mesmo um “joia da coroa”.

Quase todos dão um desconto ao examinar os problemas da instituição. “O que são 80 anos, perto dos quase mil anos de algumas europeias?”, compara o ex-ministro da Educação e hoje senador Cristovam Buarque. “Ela se saiu bem, mas imagine o que não faria a mais se o País tivesse uma educação de base eficien-

te”, avalia a presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Helena Nader, biomédica da Unifesp. Segundo ela, a USP tem feito “um esforço gigantesco” para se modernizar, para integrar no mesmo espírito universitário unidades autônomas como Direito, Medicina e Política.

A “investida europeia” já nos anos 30 é tida como um dos grandes lances de sua história. “Lá atrás, a universidade já entendeu que o essencial era gerar conhecimento, não só transmiti-lo, e foram buscar gente de pe-

so”, pondera a presidente da SBPC. Esses professores “oxigenaram o debate e ajudaram a formar os fundadores da Sociologia no País”, reconhece Maria Celina d’Araújo, da PUC-Rio. Talvez por isso, a instituição queimou etapas rapidamente. “Nesses breves 80 anos a USP desbancou a multisecular Universidade Autónoma do México”, destaca o historiador mineiro-carioca José Murilo de Carvalho. Isso lhe permitiu, diz ele, “desenvolver uma narrativa do Brasil alternativa à dos centros do poder”.

**Legado.** Outro carioca, Luiz Werneck Vianna, homenageia a instituição como “um lugar de resistência ao autoritarismo, no qual os mestres, sem alarde nem partidarismo, repassavam o legado cultural” às novas gerações. Vianna inclui na lista de qualidades a ajuda e proteção que a USP deu a tanta gente – no caso dele, “mal saído de uma temporada nas cadeias da ditadura”, pelas mãos de Carlos Estevam Martins e Francisco Woffort. Dos EUA, o cientista político Scott Mainwaring, da Universidade Notre-Dame (de Indiana), revela: “Pessoalmente, me beneficiei muito na USP do contato com seus mestres”. Autor de livros sobre a de-

mocracia no continente e de palestras no Brasil, Mainwaring afirma que “fora das democracias industrializadas a ciência política da USP é uma das principais do planeta”.

A Faculdade de Direito, no Largo de São Francisco, é reverenciada por todo o mundo jurídico. “Como as áreas de Engenharia ou Medicina, ela atravessou décadas fornecendo quadros superiores” ao País, diz o jurista Carlos Ari Sundfeld, formado na PUC paulista e fundador da Direto GV. Em brevíssimos números: de lá saíram 12 presidentes da República e 53 ministros do STF. “Esse oficialismo não a impediu de ser um centro da oposição”, pondera Sundfeld. E hoje ela precisa “encarar o desafio de aumentar a qualidade e ter um impacto real no mercado de ideias e formação profissional”. Mais compreensivo, o presidente da Ordem dos Advogados paulista, Marcos Costa, diz que ela manteve o nível “apesar da massificação do ensino jurídico no Brasil”.

**Exatas.** No universo das Exatas a instituição também tirou boas notas. Ruy Quadros, titular de Política Científica nas Geociências da Unicamp, saudou suas contribuições “tanto

em Exatas e Engenharias como em Biomédicas e Humanas”. Ele destaca a Faculdade de Economia e Administração e a Engenharia de Produção da Politécnica, “onde pioneiros como Eduardo Vasconcelos e Afonso Correa Fleury formaram gerações de pesquisadores”.

A USP é “uma das poucas experiências bem-sucedidas” no ensino superior do País, diz o médico Rubens Belfort Mattos Jr., da Unifesp, “mas ela teria mais êxito se as instituições públicas não fossem tão engessadas e engessantes”. A crítica vai para entidades como Anvisa e Conselho Nacional de Ética em Pesquisa, o Conep, por ele tidos como “centralizadores e burocráticos”.

Mas a universidade não foi poupada de cobranças. Ela “perdeu seu charme inovador há algumas décadas, e não foi por causa da ditadura”, diz Maria Celina d’Araújo. Cristovam Buarque denuncia o partidarismo que a invadiu e afasta dos meios empresariais. O sistema de estabilidade dos funcionários dificulta cobranças de qualidade, diz Rubens Mattos Jr. Na mesma toada, o cientista político mineiro Fábio Wanderley Reis adverte: “A recente perda de posições em rankings respeitáveis não permite dormir sobre os louros”.

## 'Na USP se formou um pensamento intelectual forte'

"Eu vou me referir ao período em que estive em São Paulo, mas é verdade que há relação com outra época, a da criação da Sociologia da USP, muito influenciada por pensadores franceses. Michel Foucault e Claude Lefort, por exemplo, tiveram vínculos fortes com a universidade. Fernand Braudel, Claude Lévi-Strauss ou ainda a geração que os sucedeu foram decisivos. Outros tantos, como Roger Bastide, tiveram um envolvimento mais marginal. Mas os brasileiros tiveram o que de melhor se fazia na França na época. Os franceses desempenharam um papel determinante e positivo. E esse contato deixou traços.

Minha passagem pela USP não aconteceu da mesma forma que com a geração precedente, que teve uma estada longa, nem da geração que criou a USP, que

foi ainda mais longa. Eu cheguei muito mais tarde. Minha primeira estada deve datar de 1959. Eu vinha do Chile, onde o reitor havia me encarregado de criar um centro de pesquisa sociológica, o que foi feito com algum sucesso. Provavelmente por causa disso, a mesma operação me foi proposta pela USP, onde o centro seria orientado à Sociologia do Trabalho.

Fui convidado de duas disciplinas de Sociologia. A primeira, dirigida pelo professor Fernando de Azevedo, era chamada de "cadeira francesa", em contraposição à de Florestan Fernandes, a "cadeira americana". A pedido dos dois, sugeri o nome de um dos assistentes de Florestan, Fernando Henrique Cardoso, que mais tarde se tornaria conhecido no mundo inteiro. Isso provocou conflito, na medida em que os professores que me haviam

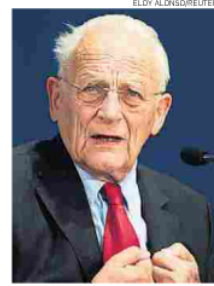
convidado esperavam que eu fosse fiel à linha deles. Eram pessoas pelas quais tinha estima, como Maria Isaura de Queiroz, mas que ficaram bravas comigo. O que não compreendiam é que a escolha não fora por ou contra alguma tendência.

Nessa época, creio que as três universidades da América Latina que tinham melhor reputação, em especial na área da Sociologia, eram a Universidade Nacional Autónoma do México (Unam), a Universidade de Buenos Aires e a USP, que não é federal, mas é do Estado que era e continua a ser o mais dinâmico, mais rico e poderoso do Brasil. Mas a situação evoluía e continuou evoluindo rapidamente.

Não creio que a situação política da Argentina tenha sido favorável à Universidade de Buenos Aires, ao contrário. A instituição, que girava em torno da

ideia de modernização e de uma Sociologia funcionalista, foi rapidamente penetrada por ideologias radicais. Podemos dizer o mesmo da Unam, que foi penetrada por influência semelhante, ainda que menos radical e mais marxista, no sentido europeu do termo.

Logo algo fez da USP a melhor e a maior universidade da América Latina, inclusive na Sociologia, apesar da situação política e do exílio de muitos democratas e intelectuais antiautoritários. Destes, Fernando Henrique foi o porta-voz e criador de um pensamento sociológico muito original. Até então, o grande debate sobre a América Latina girava em torno da ideia de dependência. Do ponto de vista dos radicais, a dependência comandava todos os aspectos da vida política da América Latina. A posição diferente de Fer-



ELDY ALONSO/REUTERS

nando Henrique, que escreveu *Dependência e Desenvolvimento na América Latina*, e de outros por ele liderados, como o chileno Enzo Faletto, é que essas pessoas disseram que sim, a dependência é uma primeira dimensão fundamental, mas há as relações de classe e o grau

de integração nacional.

Essa fórmula é a certidão de nascimento, ou ao menos de vida adulta, da Sociologia da América Latina. Aqueles que acreditavam no domínio absoluto do conceito da dependência começaram a ver que havia muitos outros fatores, mas esse pensamento era fortemente subordinado à ação militante, o que acabou se traduzindo em movimentos de guerrilha.

Não sou latino-americano, mas me coloquei categoricamente ao lado da tese da pluralidade de eixos de análise, tese que passei a defender na Argentina, no Chile, no México, em particular em meu principal livro sobre a América Latina: *A Palavra e o Sangue*. Em termos intelectuais, que tiveram consequências políticas, é isso que explica que a USP tenha se tornado o pensamento sociológico de referência. Na USP se formou um pensamento intelectual muito forte – e era um pensamento, não ação política." / DEPOIMENTO A ANDREI NETTO



“Creio que a USP assume hoje um significado muito próximo daquele sonhado por seus fundadores. Não falo apenas de liderança, mas, sobretudo, de presença e de exemplaridade”

**Francisco Weffort**, CIENTISTA POLÍTICO E EX-MINISTRO DA CULTURA; PROFESSOR EMÉRITO DA FFLCH-USP, ONDE INICIOU CARREIRA COMO DOCENTE EM 1961

LUÍZ CALUÍO BARBOSA/FUTURA PRESS

# Próximo desafio: usar melhor a tecnologia, com cursos a distância e semipresenciais

Universidade está atrasada neste quesito, se comparada com instituições de ponta; projeto na Física deve ser colocado em prática em 2015

**Marina Azaredo**

**S**e a comunidade acadêmica discorda em muitos pontos, da necessidade da presença da Polícia Militar no câmpus à utilização de cotas raciais e sociais para o ingresso em seus cursos, existe um tema que, se não há unanimidade, há algo bem próximo disso: a universidade precisa aprender a lidar melhor com a questão da tecnologia na educação.

“A Universidade de São Paulo ainda está atrasada se comparada com instituições de ponta como o Massachusetts Institute of Technology (MIT)”, afirma Gil da Costa Marques, superintendente de Tecnologia da Informação da USP.

Entusiasta do uso da tecnologia na educação, Marques, que se graduou em Física em 1969 e seguiu carreira dentro da universidade, está à frente de uma série de projetos que pretendem inserir a tecnologia de vez no cotidiano da USP. O mais ousado deles pode ser colocado em prática em 2015. “Estou tentando implementar no ano

que vem uma novidade no Instituto de Física: dar aos alunos a possibilidade de assistir às aulas de forma presencial ou virtual, como preferirem”, conta.

Para isso, Marques tem uma equipe de 16 pessoas produzindo vídeos com conteúdos das disciplinas básicas de Física, em que ele mesmo atua como professor. “Estamos trabalhando nesse conceito do que poderia ser um curso do nível que a USP oferece.”

O professor ressalta que uma das vantagens de oferecer disciplinas da graduação a distância é dar ao estudante a possibilidade de personalizar o curso. “O aluno que tem dificuldade vê um vídeo duas vezes. O que entende rápido, assiste uma vez só. Assim como quem já sabe o conteúdo não precisa assistir à aula. Então, é possível dividir o conteúdo em pedaços. Acredito que o futuro da educação há de ser alguma coisa parecida com o que estamos produzindo aqui”, afirma.

O passo seguinte, segundo Marques, será oferecer essas aulas para a comunidade em geral, de modo que qualquer

pessoa possa assisti-las e ter acesso ao conteúdo que é ensinado na principal universidade do País.

**Online.** Nos últimos anos, a tecnologia ganhou relevância na educação quando os Moocs (cursos abertos massivos online, na sigla em inglês) começaram a se popularizar no mundo e no Brasil. Nessa modalidade não há pré-requisitos para participação dos estudantes.

Houve quem temesse que o surgimento desses cursos, de qualidade e gratuitos, seria o início de um “tsunami” que atingiria as instituições de ensino. MIT e Harvard se juntaram para criar uma plataforma, o edX, e a própria USP já tem cursos abertos.

**e-Aulas.** Uma das iniciativas sob o comando de Marques vai justamente na direção dos Moocs. O portal e-Aulas tem acesso livre e já conta com 1,7 mil aulas, com temas que vão da qualidade da democracia a primeiros socorros e atendimento pré-hospitalar. O projeto é inspirado em serviços já

“A universidade ainda vai passar por uma grande transformação. O futuro está no ensino personalizado”

**Gil da Costa Marques**  
SUPERINTENDENTE DE TI

em uso por universidades de grande reconhecimento internacional, como Yale, Columbia e Princeton. O MIT OpenCourseWare tem hoje conteúdos de 2.150 cursos e mais de 125 milhões de visitantes. Desse, 43% são pessoas que não estão na universidade, mas têm interesse nos conteúdos ali oferecidos.

O e-Aulas tem hoje 7 mil visitas diárias, segundo a Superintendência de Tecnologia da Informação da USP.

**Semipresencial.** A primeira graduação semipresencial da USP, oferecida em parceria com a Universidade Virtual do Estado de São Paulo (Univesp), também está sob o comando do professor Marques. A Licenciatura em Ciências foi criada diante da demanda de aperfeiçoamento nos ensinos fundamental e médio do Estado.

A professora do ensino fundamental Leonor Pentead de Souza Peres, de 50 anos, é aluna da primeira turma da graduação, de 2011, e deve se formar neste ano. “Para mim, a USP era apenas um sonho, pois

os cursos são em tempo integral ou à noite, horários que não me permitiam pensar seriamente em tentar entrar em alguma faculdade. Mas o ensino semipresencial, com a oportunidade de estudar aos sábados e fazer os exercícios em casa, durante a semana, resolveu isso”, conta ela, que dá aulas em uma escola estadual de Piracicaba, onde mora.

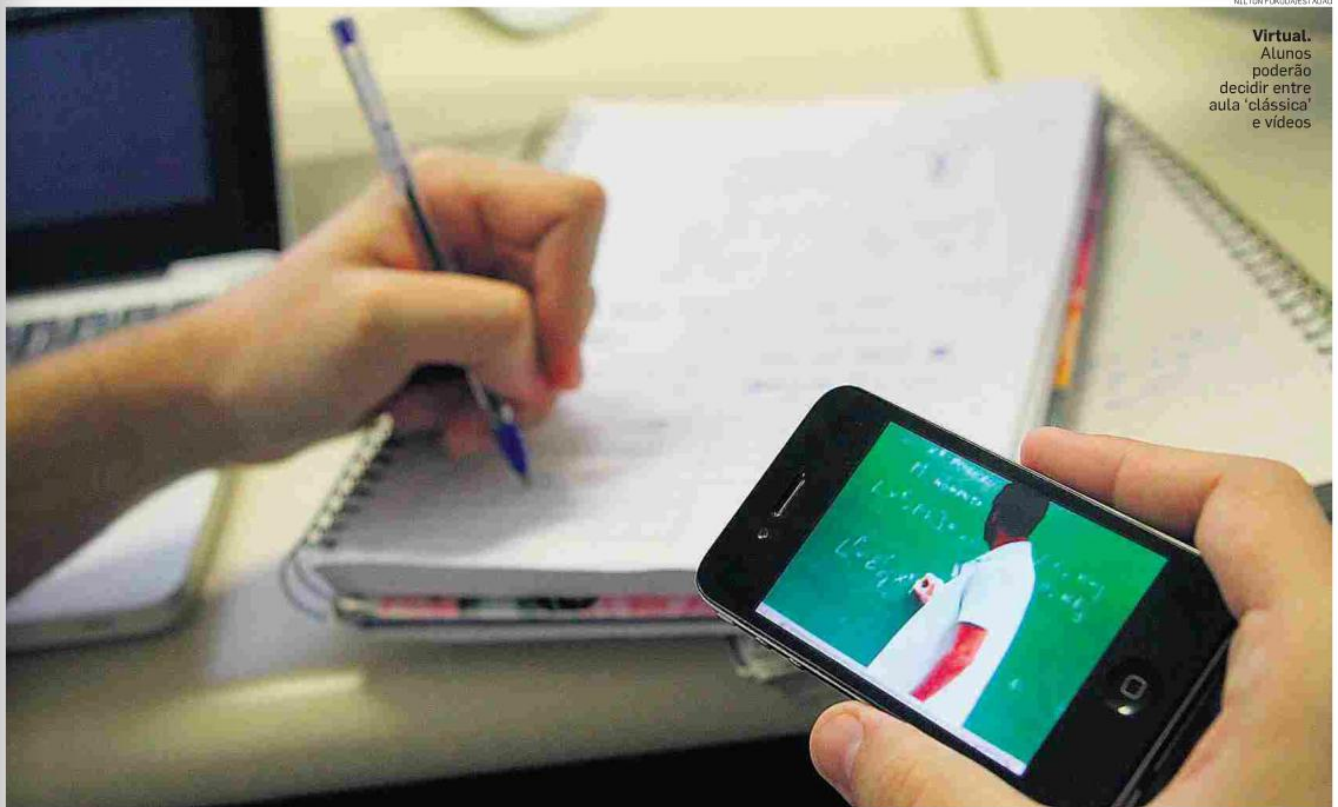
A licenciatura tem sete polos no interior do Estado, onde os alunos assistem às aulas aos sábados e têm acesso a laboratórios e bibliotecas.

Apesar das iniciativas do tipo, o presidente da Associação Brasileira de Ensino a Distância, Fredric Litto, afirma que a universidade ainda está muito atrás do que seria desejável para uma instituição do porte da Universidade de São Paulo.

“A USP resistiu até alguns anos atrás, é uma instituição extremamente conservadora e elitista. O resto do País está muito mais adiantado nessa questão, porque o governo federal investiu muito mais recursos nessa área”, critica. / COLABOROU PAULO SALDAÑA

MELTON FUKUDA/AGÊNCIA

**Virtual.**  
Alunos poderão decidir entre aula ‘clássica’ e vídeos





\*  
Análise: Ewout ter Haar

## Novas plataformas educacionais potencializam ideias

Desde que Sócrates duvidou da palavra escrita para ensinar os jovens, o uso de tecnologias novas para a educação é questionado. Você questiona as palavras escritas, ele observou, e elas não respondem. Segundo Sócrates, o jeito correto de usar palavras é plantá-las na mente fértil de um aprendiz, deixando crescer conhecimento e ideias. A humanidade aprendeu a aproveitar a tecnologia da palavra escrita para fazer justamente isso. Mas nunca vamos parar de debater como adaptar qualquer nova tecnologia para, por um lado, disseminar e transmitir ideias, e, por outro, usá-la para construir o conhecimento.

Essa antiga oposição entre transmissão e construção de conhecimento é especialmente relevante para o uso de tecnologia em ambientes educacionais. Hoje, discutindo tecnologia educacional, geralmente falamos do uso da internet e das suas aplicações. O sucesso da internet se deve ao seu caráter aberto e neutro: ser uma plataforma livre, onde cada um pode criar suas inovações sem pedir permissão a algum órgão central que controlaria o que pode e o que não pode ser feito. Essa característica da infraestrutura é essencial para uma universidade como a USP, que depende da excelência e da autonomia de suas unidades, grupos de pesquisa e professores.

As plataformas educacionais novas, quando implementadas de forma aberta e neutra, potencializam o talento e as ideias. Com essas plataformas, não existe oposição entre transmissão e construção de conhecimento. A web, em particular, conse-

gue combinar em uma única plataforma as funcionalidades de comunicação e disseminação de informação e a construção de ambientes colaborativos e participativos. A web permite a todos os membros da comunidade USP divulgar seus conhecimentos além dos muros da universidade, transmitindo bits sem as limitações do transporte de átomos. E essa mesma infraestrutura pode ser usada para implementar os processos colaborativos próprios à construção do conhecimento, sem as limitações da distância física.

Na USP, a internet está sendo usada para apoiar uma enorme variedade de atividades educacionais. A universidade mantém ambientes online com recursos didáticos de altíssima qualidade e feitos por equipes profissionais e especializadas em ensino a distância. E essa mesma infraestrutura dá suporte às ideias pedagógicas de milhares de professores e dezenas de milhares de alu-

nos, cada um com ideias próprias sobre o que é uma boa aula.

Vejo um futuro brilhante para tecnologias que ajudam os professores a implementar suas ideias pedagógicas. Que permite inovação, mas deixe transparente o que funcionou e o que não funcionou. Para tecnologias que podem ser adaptadas ao contexto e às necessidades dos educadores e alunos, em todas as suas variedades. A USP depende do talento e do trabalho dos seus alunos, funcionários e docentes. Serão as tecnologias educacionais abertas e neutras, usando a internet ou inspirada nela, que vão potencializar esse talento.

\*  
É DOUTOR EM FÍSICA PELA LEIDEN UNIVERSITY. ATUALMENTE, É PROFESSOR DO INSTITUTO DE FÍSICA DA USP (IFUSP), MEMBRO DO CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA (CEPA) E COORDENADOR DO GRUPO DE APOIO TÉCNICO-PEDAGÓGICO DA USP

**USP**  
Especial **80** anos

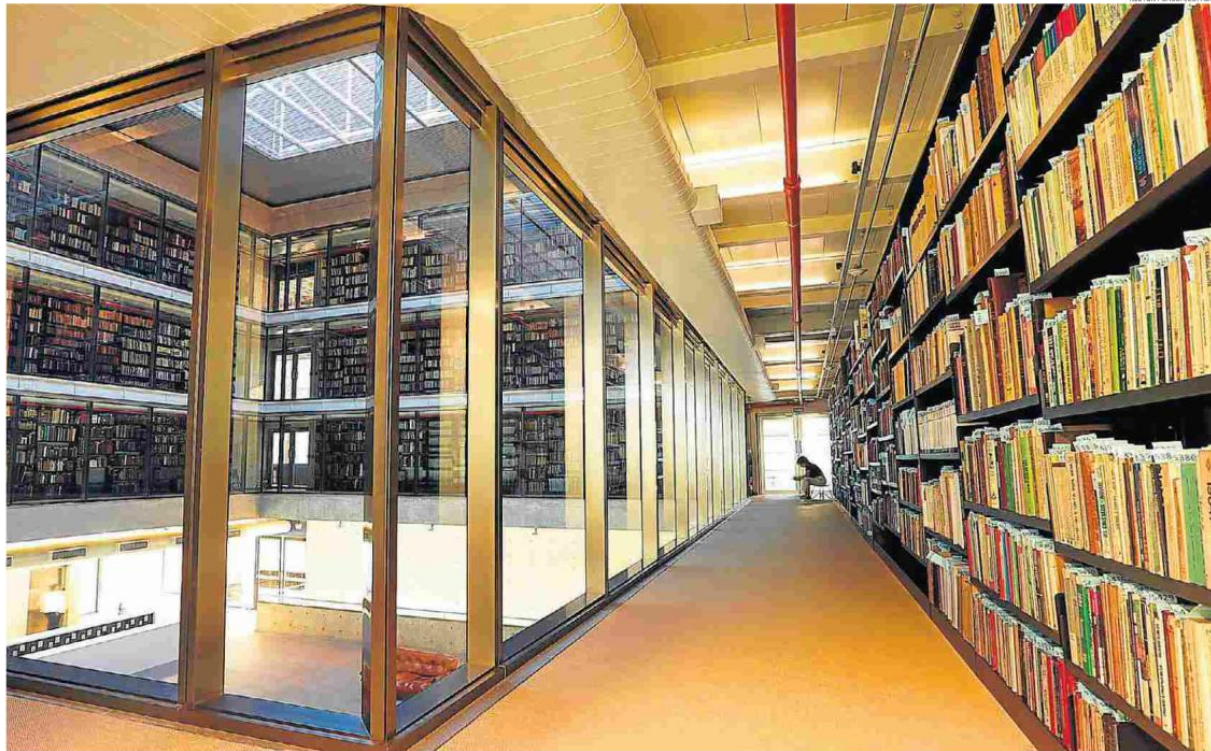
● **Agenda**  
Haverá eventos ao longo do ano e parte da programação será anunciada amanhã

**25 de janeiro**  
Tenda na USP recebe show com Anelis Assumpção e outros

**27 de janeiro**  
Documentário O nascimento da USP será exibido, às 17h

**Roteiro**  
Até fim do mês, câmpus terá visita guiada migre.me/hx8Z0

**Online.** Acompanhe a agenda das comemorações  
[www.estado.com.br](http://www.estado.com.br)



NELTON FLORIANO/ESTADÃO

## Diversificados, museus vivem fase de obras

Complexo de 53 mil metros quadrados está em construção para abrigar instituições no coração da Cidade Universitária



CLAYTON DE SOUZA/ESTADÃO

**Brasília.** USP fez espaço para coleção de José Mindlin (1914-2010)

**Zoologia.** Museu ganhará nova sede na Cidade Universitária

Edison Veiga

**C**anteiro de obras. Essa é a melhor expressão para definir, de modo geral, a situação dos museus da USP. Seja por necessidade física – caso do Museu Paulista –, ou para melhor acomodar acervo e visitantes – caso do complexo que está sendo construído na Cidade Universitária –, obras se espalham pelas instituições mantidas pela universidade.

Um dos mais visitados cartões-postais de São Paulo – recebia em média 300 mil pessoas por ano –, o Museu Paulista, mais conhecido como Museu do Ipiranga, não suportou o peso dos 150 mil itens do acervo, as intempéries, os mais de 100 anos do prédio e a falta de manutenção. Sua interdição foi decretada em 3 de agosto. Ainda não há prazo para a reabertura, mas a administração prevê também a construção de um anexo para acomodar a reserva técnica.

No coração da Cidade Universitária, desde 2012, está sendo construído o complexo Praça dos Museus, com 53 mil metros quadrados. O projeto é assina-

● **Visitação**  
1,1 milhão de pessoas visitaram os museus mantidos pela USP em 2012

do pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha. Quando concluído, abrigará as novas sedes do Museu de Arqueologia e Etnologia e do Museu de Zoologia.

No ano passado, o arquiteto apresentou proposta para que um novo edifício do Museu de Arte Contemporânea (MAC) seja feito no complexo. Funcionários não confirmam se a ideia está sendo levada adiante. Em janeiro de 2012, o museu passou a ocupar o antigo prédio do Detran, no Ibirapuera.

Localizada na Lapa, a Estação Ciência passa pela primeira grande reforma desde que foi criada, há 26 anos. Os galpões vão receber um anexo de vidro, além de dois elevadores em cada lateral do prédio. As torres e o desenho arquitetônico não serão alterados. A Estação deve reabrir em 2015.

A última grande obra concluída da USP foi a construção, na Cidade Universitária, da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Inaugurada em março do ano passado, custou R\$ 160 milhões. Abriga 32 mil títulos – além da coleção integral do jornal O Estado de S. Paulo – e é aberta ao público em geral.

PAULO LIBERTI/ESTADÃO



**Estação Ciência.** Galpões vão ganhar anexo de vidro

**MAC.** Museu foi para prédio do antigo Detran em 2012



DANIEL TEIXEIRA/ESTADÃO

**Ipiranga.** Não há planos para o tradicional museu reabrir



TIAGO QUEIROZ/ESTADÃO



● **D. Pedro I** Exames dos restos mortais de d. Pedro I e de suas duas mulheres foram revelados em 2013, no metrado de Valdirene Ambiel no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP e publicados pelo Estado. Leia em <http://oestado.com.br/1dQULu3>